

A CIDADE COMO SALA DE AULA: APRENDIZADOS PROJETO DE EXTENSÃO PERCURSOS URBANOS

Daniel Chaves Ferreira ¹; Luiz Antonio Araújo Gonçalves²

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PROPGE), CCH/UVA, Sobral-CE
(danielchaves724@gmail.com)

² Professor dos cursos de Graduação em Geografia (Licenc. e Bach.) e do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PROPGE), CCH/UVA, Sobral-CE,
(luiz_goncalves@uvanet.br)

Introdução: Sobral (CE), cidade média, guarda um notável patrimônio arquitetônico que remonta ao seu processo de inserção na rede urbana cearense e narra, por meio das formas construídas, a formação espacial local. Em agosto de 1999, o sítio histórico de Sobral foi reconhecido como patrimônio cultural nacional pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). O tombamento abrange o conjunto urbano do centro, considerado área de interesse para preservação, por expressar marcas dos processos de ocupação e da evolução do sertão nordestino, com exemplares materiais dos séculos XVIII, XIX e XX. No cotidiano, contudo, essa riqueza muitas vezes passa despercebida pelos cidadãos que vivem e (re)produzem a cidade. Propõe-se, portanto, um exercício de sensibilização e “descortinamento” da paisagem urbana por meio de percursos urbanos no centro histórico, capazes de revelar tanto as camadas de formação quanto os novos usos que esses espaços vêm adquirindo. **Justificativa:** Entendem-se por percursos urbanos a prática reflexiva de caminhar pela cidade, seguindo um roteiro pré-definido e orientado pelos principais eixos de sua constituição, de modo a reconhecer permanências, rupturas e reapropriações no tecido urbano. Os Percursos Urbanos é um projeto de extensão desenvolvido pelo Laboratório de Estudos Urbanos e Regionais (LEURB), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Geografia (PROPGE/UVA) da Universidade do Vale do Acaraú (UVA). Trata-se de uma prática pedagógica que enriquece o processo de ensino-aprendizagem de forma interdisciplinar e contextualizada, estimulando uma leitura crítica do espaço. Ao caminhar pela cidade com intencionalidade, os participantes reparam o que já lhes é familiar, mas muitas vezes passa despercebido e, ao mesmo tempo, se aproximam de áreas antes pouco conhecidas ou inacessíveis, ampliando o repertório espacial, o senso de pertencimento e a compreensão das dinâmicas urbanas. Nessa perspectiva, os percursos urbanos se afirmam como uma ação reflexiva de caminhar pela cidade, por meio da qual se abrem novas possibilidades de observação, leitura e interpretação das ações e dos objetos que compõem e moldam a paisagem urbana. **Objetivos:** O objetivo central do projeto é despertar um novo olhar sobre o que é familiar, permitindo descobrir e redescobrir a cidade, lugar onde sucessões de tempos se materializam no espaço e na memória. Ao mesmo tempo, os percursos urbanos favorecem o reconhecimento da cidade que, cotidianamente, é atravessada, mas nem sempre percebida e/ou sentida, estimulando a consciência de si enquanto parte constitutiva desse espaço vivido. Na realidade de muitas salas de aula de Geografia ainda há uma desvalorização do lugar, do meio no qual o educando está inserido. Consequentemente, o aluno é, muitas vezes, levado a crer que as paisagens bonitas e as informações interessantes são as que ocorrem em espaços distantes do seu lugar de vivência, reforçando ainda mais o distanciamento entre a Geografia ensinada e o seu espaço vivenciado. O município de Sobral constitui um verdadeiro laboratório a céu aberto para os trabalhos de campo em Geografia. Suas paisagens revelam, em diferentes escalas e temporalidades, as transformações e as formas que a sociedade imprimiu à natureza ao longo do tempo. Defendemos que a realização frequente de saídas de campo contribui para reduzir o conteudismo e a memorização mecânica ainda presentes nas aulas de Geografia nas

escolas do município. Ao aproximar teoria e prática, o campo favorece a observação crítica, a problematização e a construção ativa do conhecimento. Este relato de experiência tem por objetivo apresentar o projeto de extensão Percursos Urbanos e evidenciar sua importância para o processo de ensino-aprendizagem do estudo da cidade. Para isso, toma como eixo a análise de marcos históricos e geográficos que marcaram a formação e o crescimento de Sobral (CE), articulando teoria e observação *in loco* para ampliar o olhar crítico sobre o espaço urbano. **Metodologia:** Como vimos, os Percursos Urbanos é um projeto de caminhadas orientadas pela cidade. Não são ações despretensiosas, mas práticas que requerem um desenho metodológico em três etapas: planejamento, construção e execução. Planejamento (pré-percurso): momento de definir objetivos e público-alvo, elaborar o roteiro preliminar e levantar insumos, como cartografia histórica e atual da cidade, acervos fotográficos, bibliografia pertinente e observações de campo exploratórias. Construção dos percursos: etapa de selecionar e hierarquizar os pontos estratégicos, traçar os eixos de deslocamento, estimar tempos de caminhada e paradas, definir recursos didático-pedagógicos (mapas, imagens, trechos de textos, exercícios de observação) e alinhar as mediações a serem feitas em cada estação. Execução: condução *in loco*, com registro e momentos de síntese e avaliação ao final, permitindo ajustar futuras edições. Para a elaboração dos roteiros, foi necessária uma curadoria criteriosa dos pontos estratégicos a incluir, dado o vasto patrimônio arquitetônico de Sobral, igrejas, praças, casarões, entre outros, cujas fachadas e ambiências guardam marcas da história, da memória e da formação espacial da cidade. **Desenvolvimento:** Com base nesse processo, foram estruturados dois roteiros para a primeira edição dos percursos urbanos em Sobral de 2025, observados a seguir.

Figura 1- Primeiro Roteiro do Percursos Urbanos



Figura 2- Segundo Roteiro do Projeto de Extensão Percursos Urbanos



Após a elaboração dos roteiros e o levantamento prévio de informações, definiu-se o público-alvo: uma turma do 2º ano do Ensino Médio, com 40 estudantes, da Escola de Educação Profissional Lysia Pimentel Gomes Sampaio Sales, localizada no bairro Cohab III. Na etapa de construção, realizaram-se reuniões e visitas de campo para alinhar conceitos, objetivos e elementos que seriam trabalhados durante os percursos. Também foram definidos a logística e o cronograma: duração total de 4 horas (7h às 11h); às 7h, momento inicial de apresentação e explicação da atividade em sala; às 7h30 saída da escola, em ônibus da UVA, com destino ao Centro de Sobral, onde os percursos se desenrolaram. A primeira edição de 2025 foi realizada em 15 de agosto. A etapa de execução consistiu na condução dos percursos conforme os objetivos traçados. Os(as) professores(as) atuaram como mediadores(as), instigando os estudantes a formular perguntas, observar criticamente a materialidade urbana e compreender as dinâmicas espaço-temporais expressas na paisagem. O foco foi estimular novos olhares sobre o espaço vivido, articulando teoria e experiência *in loco*. A cidade pode (e deve) ser um lugar de descobertas. Como afirmam Santos e Costella (2016, p. 118), “a cidade se transforma como um caleidoscópio da diversidade que constrói esse urbano em sua prática e em suas próprias imaginações”. Nessa direção, Silva (2001) enfatiza a importância de consolidar roteiros, propor trajetos e encarar os bens, tombados ou não, como partes de um contexto cultural que induz ao conhecimento da realidade, tomando-os como emblemáticos lugares sociais, nos quais sujeitos históricos se reconheçam em múltiplas facetas de seu modo de vida, no emaranhado urbano, especialmente nas ruas centrais. Inserir-los na trama da autoestima e da memória coletiva significa recusar a sacralização dos espaços reconhecidos como patrimoniais (Silva, 2001, p. 43). No mesmo sentido, Santos e Costella (2016, p. 129) conclamam: “Pare! Pense! Reflita! Sinta! Cheire! Olhe! Tateie! Ria! Chore! Sonhe!... Olhe a sua cidade, sinta sua cidade, perceba sua cidade!”. As exclamações chamam atenção para a necessidade de reconhecer a cidade em que se vive, frequentemente tornada invisível pela rotina. Afinal, “somente na hora em que percebemos a cidade como ela se configura, suas qualidades e sua própria esquizofrenia estrutural, é que podemos criar uma racionalidade humana e não uma racionalidade capitalista” (Santos; Costella, 2016, p. 129). Segundo Cavalcanti (1998), as pessoas circulam pela cidade e pelo bairro para realizar atividades cotidianas, nesse movimento, criam, recriam e (re)organizam os

espaços. Os sujeitos vivenciam a cidade e seus fenômenos a partir de seu horizonte geográfico, atribuindo significados às coisas com base nesse referencial. As formas de pensamento e de comportamento cotidiano contêm limitações próprias, contudo, é possível superá-las por meio da reflexão e da interpretação da paisagem. Os Percursos Urbanos tem como propósito desvelar a cidade por meio de uma caminhada com pausas e olhares reflexivos. Nesse sentido, evidencia-se seu potencial educativo, sendo possível trabalhar a educação geográfica pela leitura da paisagem, captando sua dinâmica e estabelecendo relações que permitam (re)descobrir a cidade e também descobrir-se como parte dela. Cardoso (2002) propõe três dimensões pedagógicas para ensinar Geografia por meio da cidade. Primeira: aprender na cidade – conhecer instituições, normas e equipamentos como forma de compreender o funcionamento urbano. Segundo: Aprender através da cidade – enfatizar modos de vida, atitudes sociais, valores, tradições, pertencimento e inclusão. Terceiro: Aprender a cidade – compreender seu desenho, escala, formas e gênese. Essas dimensões compõem uma didática urbana (Cardoso, 2002), premissa do percurso como atividade educativa, ela estimula um novo olhar e uma nova postura diante do espaço, favorecendo o envolvimento com a cidade, com os colegas e com os(as) docentes. Além disso, desloca a aprendizagem para além dos muros da universidade e da escola, ampliando repertórios e experiências. No caso de Sobral-CE, observa-se que parte do patrimônio arquitetônico vem sendo, gradativamente, substituída por construções modernas ou descaracterizada por fachadas comerciais. Torna-se, portanto, fundamental dar visibilidade à materialidade histórica da cidade, como forma de reconhecimento e fortalecimento do sentimento de pertencimento. **Considerações finais:** Nos Percursos Urbanos sinto que a sala de aula se alarga e ganha calçadas, fachadas, praças e vozes. Antes de partir, alinhamos o roteiro, combinamos os cuidados e o objetivo da saída: ver a cidade com outros olhos. Esse momento inicial já é potente. A cada parada, fazemos pequenas leituras da paisagem, a igreja que marca um tempo, o sobrado que guarda uma história, a praça que mudou de uso. Confrontamos as paisagens, percebendo permanências, rupturas e ressignificações. A cidade, então, deixa de ser cenário e se torna conteúdo vivo. Os momentos de socialização acontecem quase naturalmente, seja na socialização do alimento, que se organizaram previamente para partilhar, em meio ao espaço urbano. Seja no retorno à escola, no ônibus cheio de barulho e vida, quando todos cantam juntos. Esses relatos criam pontes afetivas entre os(as) estudantes e o lugar, e também entre eles(as). É comum ver grupos se organizando espontaneamente: um cuida do registro fotográfico, enquanto o outro arma a pose, os olhares atentos cheio de curiosidades. Ao longo dos percursos, vamos costurando conceitos trabalhados em sala, com aquilo que aparece diante de nós. Não é decorar, é compreender. Os(as) estudantes percebem que o mapa tem cheiro, ruído, sombra; que a rua é texto; que a fachada é arquivo; que a praça é palco de conflitos e encontros. E, ao final, nos questionamos: o que mudou no nosso olhar? Quais perguntas levamos de volta? O que a cidade nos ensina sobre nós mesmos? A cada parada, renovo a certeza de que a extensão é um caminho para reduzir o conteudismo e a memorização vazia. A cidade, como laboratório a céu aberto, nos convida a pensar com os pés, com os sentidos e com a experiência. E eu, aprendo junto: descubro a cidade que os(as) estudantes veem, e reencontro a minha, mais complexa, mais nossa, mais viva. Ancorado na observação de campo, o projeto promove um olhar atento aos elementos da paisagem, sustentado por fundamentação teórica prévia. Essa combinação confere autonomia ao estudante no processo de produção do conhecimento e estimula o senso crítico e investigativo. Assim, os conteúdos trabalhados em sala podem ser confrontados com a realidade observada no território, enriquecendo a aprendizagem. Nessa perspectiva dialética que defendemos, os Percursos Urbanos constitui um “caminho” para que o(a) estudante, a partir da leitura do espaço vivido e concebido, compreenda a totalidade, sempre dinâmica e produzida pelas relações socioespaciais. Nesse sentido, o trabalho de campo possibilita ao aluno, nas aulas de Geografia, observar e compreender o seu lugar para, a partir deste, entender o mundo (CALLAI, 2001).

Palavras-chave: Percursos Urbanos; Educação geográfica; Leitura da paisagem.

Agradecimentos:

Agradeço ao Laboratório de Estudos Urbanos e Regionais (LEURB) pelo apoio técnico e institucional; à CAPES, pela bolsa que viabilizou este trabalho; ao PROPGEU/UVA, pela formação e pelas oportunidades de pesquisa e extensão; à Escola de Educação Profissional Lysia Pimentel Gomes Sampaio Sales, pela parceria e acolhida; e ao Prof. Dr. Luiz Antônio Araújo Gonçalves,

orientador deste estudo, pelas valiosas contribuições, mediações e incentivos ao longo do processo.

Referências:

CALLAI, H. C. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, A. C (Org.). **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. 2 ed. Porto Alegre: Mediação, 2002. p.83-133.

CARDOSO, C. A. de A. Didática urbana: cotidiano e espaço pedagógico. *In*: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 25, 2002, Caxambu. **Anais [...]** Rio de Janeiro: ANPED, 2002. (CD-ROM).

SANTOS, Leonardo Pinto dos; COSTELLA, Roselane Zordan. Engarrafando Nuvens: a cidade como caleidoscópio de visibilidades. **Revista FSA**, v. 13, p. 115–132, 2016.

SILVA, J. B. da. **Nas trilhas da cidade**. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2001. (Coleção Outras Histórias, v. 3).

IPHAN. **Estudo para Tombamento Federal do Sítio Histórico de Sobral**. Fortaleza, 1997.